

A DINÂMICA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO PRATICADOS NA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO CAJARI NO ESTADO DO AMAPÁ¹

Walter Paixão de Sousa², Laura Angélica Ferreira³

¹Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado defendida pelo primeiro autor sob a orientação do segundo, no Centro Agropecuário da Universidade Federal do Pará no ano de 2006; ²Engenheiro Agrônomo. Mestre em Agricultras Amazônicas. Embrapa Amapá. Rodovia JK km 05 CEP 68.903 – 000. Macapá/AP. www.cpaafap.embrapa.br; ³Zootecnista. Doutora. Centro Agropecuário da Universidade Federal do Pará. Campus Universitário do Guamá. Belém/PA. www.mafds@ufpa.br

RESUMO: Este trabalho aborda um tipo específico de extrativismo: o extrativismo da castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* H.B.K) realizado na Reserva Extrativista do rio Cajari no Estado do Amapá (RESEX/CA). O trabalho é uma continuidade da pesquisa participativa realizada no ano de 2000, e tem como foco principal compreender a dinâmica dos sistemas de produção praticados nesta reserva extrativista no período 2000/2005. A partir da metodologia Typologie à dire d'experts (Perrot, 1991), percebemos que as mudanças ocorridas nos sistemas de produção no período estudado, evidenciam que além de fatores de ordem econômica, a permanência das práticas agrícolas com o extrativismo da castanha se rege por outros fatores. A relação histórica de uso da floresta com o extrativismo e as agriculturas é bem mais complexa, não podendo ser avaliada apenas do prisma econômico. Os dados demonstram que as unidades de produção extrativistas são aquelas de menor desempenho econômico, e, apesar disso, não há um movimento das famílias em acabar com esse sistema. Ao contrário, o tipo extrativista não apenas se manteve, mas aumentou de representatividade de 2000 para 2005, indicando atratividade deste tipo para as famílias da RESEX/CA. Entretanto, os sistemas agroextrativistas também cresceram, indicando que algumas famílias procuram alcançar melhores níveis de qualidade de vida, através da agricultura. Em se tratando de uma unidade de conservação de uso direto, para esta reserva extrativista deveria ser direcionadas ações de apoio aos castanheiros da RESEX/CA, para que eles pudessem ter melhores condições de vida, sem ter que investir em outras atividades, que não o extrativismo.

Palavras-Chave: extrativismo, castanha -do -Brasil, reserva extrativista, sistemas de produção.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do debate sobre Desenvolvimento Sustentável, a Amazônia figura como cenário de interesses diversos, tanto nacionais como internacionais. Nesta discussão, dois focos se polarizam: a conservação da natureza e a vida e o atendimento das necessidades das comunidades locais.

Neste sentido, diversas experiências têm sido realizadas. Pesquisas voltadas para a compreensão da realidade têm apoiado algumas reflexões para o direcionamento do caminho a ser tomado, e nos últimos anos o governo brasileiro tem promovido à criação de Unidades de Conservação de Uso Direto na Amazônia, e dentro dessas, as áreas de Reservas Extrativistas (RESEX's), as quais têm por base a conciliação entre preservação da biodiversidade associada à melhoria da qualidade de vida das famílias presentes na área. As RESEX's constituem uma das formas de efetivar a idéia de proteção do bioma amazônico resguardando a legitimidade das populações locais, mas também de proteger as famílias que vivem do extrativismo, contra os conflitos com madeireiros e grileiros na região.

A perspectiva de uma RESEX é permitir que as famílias nela presentes, possam satisfazer suas necessidades, baseado na extração dos recursos naturais disponíveis, com a

conservação da biodiversidade natural presente no ambiente (Allegratti, 2002). No Amapá, a criação de uma primeira reserva extrativista ocorreu em março de 1990 – a RESEX/CA, localizada no Sul do Estado e reconhecida pelo Decreto Federal N.º.145.

As intervenções nos ambientes da RESEX/CA estão estabelecidas no Plano de Utilização da reserva extrativista (PU). Este instrumento de gestão tem como fundamento fazer a junção dos conhecimentos e experiências dos moradores da reserva extrativista, com os preceitos legais de intervenção na fauna e flora protegidas, que se encontram definidos em lei. A filosofia do PU é harmonizar o uso dos recursos naturais segundo o conceito de desenvolvimento sustentável¹, conceito consolidado como diretriz para a mudança de rumos no desenvolvimento global, definida pelos 170 países presentes na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO/92), realizada no Rio de Janeiro no ano de 1992. No Box 1 apresentamos alguns pontos do PU, que no trabalho consideramos relevantes para a gestão sustentada dos recursos ambientais da RESEX/CA.

1. BOX 1: INTERVENÇÕES AGROEXTRATIVISTAS E AGROPASTORIS
- 1.1. Cada família praticará as atividades agroextrativistas na sua colocação, mesmo que esta seja descontínua, respeitando os costumes e a tradição e, de acordo com sua força de trabalho;
 - 1.2. Os moradores poderão praticar o extrativismo da borracha conforme as práticas tradicionais, cortando cada estrada 3 (três) vezes por semana, chegando por ano a 90 (noventa) dias de corte por estrada. Não é permitido cortar danificando o lenho "no pau". Deve-se empregar o sistema de corte pela "banda" ou pelo "terço" para a divisão das bandeiras e a colocação das tigelas, até que surjam técnicas mais apropriadas;
 - 1.3. Os moradores da Reserva poderão utilizar áreas de floresta para implantar roçados destinados a produzir alimentos, respeitando sempre o limite máximo por família de 15 ha (50 tarefas), incluindo capoeira, pasto, plantio e Quintal, inclusive áreas abandonadas, com menos de 05 (cinco) anos;
 - 1.4. A criação de animais em pastagens cultivadas é permitida dentro dos limites de 15 ha. (50 tarefas) prevista no item 1.3, ficando a construção de cercas, chiqueiros e outras instalações por conta do criador. Nas vilas, só será permitidas a criação de pequenos e médios animais em cercas, chiqueiros, etc.;
 - 1.5. É permitida a criação de bovinos nas pastagens naturais da Reserva, respeitando-se a tradição e os costumes dos moradores;
 - 1.6. Não é permitida a criação de búfalos na região de lagos, onde não existe pasto natural, apenas o gado branco, que deverá ser criado em cercados, respeitando o limite de área estabelecido no item 1.3.

Neste trabalho partiu-se do pressuposto de que, com a criação da figura jurídica da RESEX/CA, não se freou as mudanças que já vinham se operando nos sistemas de produção extrativistas originais. Esses que eram baseados unicamente na extração da castanha passam a incorporar atividades agrícolas, criando sistemas de produção agroextrativistas. Neste sentido, surge uma preocupação: será, que as famílias estão usando os recursos naturais presentes na área, de acordo com as normas que regulam a RESEX's? Para dar resposta a esta indagação, o trabalho traz como *objetivo* compreender e analisar a dinâmica dos sistemas de produção de três comunidades locais da RESEX/CA (Marinho, Açazal e Martins), no período do ano de 2000 para 2005.

2. O EXTRATIVISMO DA CASTANHA NO SUL DO AMAPÁ: DE ZÉ JÚLIO A RESERVA EXTRATIVISTA.

Mesmo com a exploração comercial da castanha por mais de um século no sul do Amapá, não se observa redução em seus estoques, como ocorreu em outras localidades da Amazônia (HOMMA et al, 2000), fato que, na perspectiva que estabelecemos neste trabalho, deve-se à construção de um aprendizado de uso econômico do espaço agrário baseado na preservação.

O extrativismo da castanha como atualmente acontece no sul do Estado do Amapá, têm

¹ Trata-se do desenvolvimento que alia eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica (Sachs, 1993; Alier, 1994 apud Costa, 1996).

a sua origem no final do século XIX através do comerciante local José Júlio de Andrade – Zé Júlio. Esse comerciante faz algumas alterações no sistema de aviação original da borracha para ser utilizado no extrativismo da castanha. A originalidade da estratégia usada por Zé Júlio foi de fazer o reinvestimento do lucro obtido com o extrativismo da castanha na própria localidade onde o recurso era extraído. Com essa estratégia assegurou o domínio sobre o extrativismo da castanha na região por mais de quatro décadas. Durante esse período, o vale do Jari, diferentemente de outras localidades da Amazônia, apresentava taxas positivas de crescimento demográfico e de crescimento econômico:

Arumanduba possuía armazéns cheios de secos e fazendas, fábricas de roupas, farmácia, depósitos abarrotados de produtos regionais, filas de casas de madeira bem construídas, cinema, água encanada, luz elétrica, pequeno hospital, telefone, estação de radiofonia, telégrafo, estaleiro, fábrica de beneficiamento de castanha [...]. (LINS, 1997, p 31).

No ano de 1948, Zé Júlio vende sua empresa extrativista para um grupo de cinco empresários portugueses. Os “portugueses” como ficaram conhecidos pelas comunidades locais do vale do Jari, mantiveram o comércio e a estrutura do extrativismo de Zé Júlio, mas no seu empreendimento dedicaram maiores esforços no fomento a produção agrícola, que indiretamente produziram mudanças nos sistemas de produção das comunidades locais da região. Havia áreas de cultivo agrícola da empresa e áreas de outros produtores. Eles recebiam orientação, insumos e tinham o direito a logística da empresa.

No ano de 1967 os portugueses vendem o empreendimento extrativista para o empresário norte americano Daniel Ludwig. O objetivo do empresário era a produção agrícola e florestal em larga escala para atender a demanda das grandes cidades brasileiras e mundiais, mercados com disposição a pagar um preço satisfatório pelos produtos a serem produzidos no empreendimento. Com a instalação do projeto de Ludwig as agriculturas se tornaram ainda mais importantes, muito embora o extrativismo da castanha tenha permanecido como atividade que não renunciavam, pois para eles era mais rentável, mesmo quando comparada ao salário como trabalhadores da Jari (Sousa, 1982 Notas de trabalho).

Com a consolidação do projeto Jari acontece à demissão de trabalhadores que o projeto empregava. Estes, para garantirem sua sobrevivência, passam a ocupar as “terras livres” do sul do Amapá, o que produz uma rápida mudança no ecossistema natural da região. A construção de uma rodovia no ano de 1986 ligando o sul do Amapá a capital Macapá amplia as vantagens dos produtos agrícolas sobre o extrativismo da castanha, e levam as comunidades locais do sul do Amapá, ao aperfeiçoamento da produção agrícola, que cada vez mais se faz necessária, cuja finalidade, inicialmente, era voltada ao consumo direto da família, mas que com o tempo, e para algumas famílias, veio a tornar-se a atividade econômica de maior importância.

A resposta dos castanheiros do sul Amapá a essas ameaças, foi a formação de alianças com Organizações Não Governamentais (ONG's), ambientalistas nacionais e internacionais, que resultou na criação da RESEX/CA em 1990. Todavia, a luta que eles empreenderam era por uma reforma agrária para os castanheiros da região, e não pela preservação *stritu sensu* das castanheiras. Contudo, uma reforma agrária que respeitasse os recursos naturais que eles consideravam importantes, mas não um retorno ao modo de vida estritamente extrativista.

3. METODOLOGIA

No trabalho, a dinâmica dos sistemas de produção praticados na RESEX/CA no período 2000/2005 foi feita pela tipologia. Os tipos foram definidos a partir da metodologia *Typologie à dire d'experts* (Perrot, 1991), onde o pesquisador foi considerado especialista e modelizador da realidade a ser estudada. Após definição dos tipos, construiu-se a chave tipológica, a qual foi testada e validada com os dados de 2005.

A escolha dessa metodologia, embora sua aplicação tenha sido adaptada às condições do trabalho, é devida sua característica principal de permitir uma atualização das tipologias (depois de feito o diagnóstico), possibilitando um acompanhamento das principais tomadas de decisão dentro dos sistemas de produção, informação importante para os agentes de difusão de tecnologias.

Os dados do ano de 2000 foram obtidos da pesquisa realizada na RESEX/CA no ano de 2000, pela equipe de pesquisadores do projeto de Pesquisa-Desenvolvimento da Embrapa Amapá. Esses dados coletados pela Embrapa Amapá foram obtidos pela aplicação de um formulário estruturado junto ao total das 41 famílias residentes na área de estudo selecionada, constando informações gerais sobre a composição da família, atividades produtivas desenvolvidas, renda familiar.

Para os dados referentes ao ano de 2005, aplicou-se o formulário às mesmas unidades de produção familiares levantadas no ano de 2000. Também se procedeu a entrevistas com quatro informantes-chaves da comunidade extrativista da RESEX/CA, mediante um roteiro de perguntas previamente elaborado, abrangendo perguntas voltadas para história das famílias na área desta reserva e a relação delas com o extrativismo. Com os dados de 2005 construiu-se a chave tipológica, o que permitiu a análise da evolução ou mudança dos sistemas de produção entre 2000 a 2005.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Baseando-se nas práticas das famílias e nos projetos familiares, identificamos quatro tipos de sistemas de produção praticados nas comunidades estudadas da RESEX/CA. Esses sistemas de produção possuem em comum a extração de castanha e outros produtos do extrativismo, aliada com atividades agrícolas. Esses quatro tipos de sistemas de produção que estão resumidamente descritos no Box 2:

1. BOX 2: TIPOLOGIA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO

a) O TIPO EXTRATIVISTA

As famílias classificadas neste tipo têm no extrativismo da castanha a única fonte de renda produtiva. Os cultivos agrícolas se constituem basicamente pelos roçados. O destino da produção do roçado é o consumo familiar, muito embora um excedente, quando existe, é trocado por outro produto ou por uma diária de trabalho, principalmente para o preparo da área do roçado ou de uma capina. O projeto de vida das famílias desse grupo é voltado para a permanência na área e continuidade da atividade do extrativismo. Não há interesse em expandir as atividades para agricultura. Eles são realmente extrativistas, considerando que o produto desta atividade se restringe à castanha.

b) O TIPO COMPRADOR DE CASTANHA

O tipo comprador de castanha agrega o menor número das famílias das comunidades locais estudadas no trabalho. As estratégias que traçam envolvem a compra e revenda da castanha. Eles são os intermediários locais da comunidade. Nas várias transações de venda, eles comunicam a comunidade com os compradores do Laranjal do Jari. Para tanto utiliza um ou dois ajudantes, que são contratados com base no valor de uma diária paga em espécie.

c) O TIPO AGROEXTRATIVISTA

Para as famílias incluídas neste tipo, os sistemas de produção se pautam no extrativismo e na agricultura, com igual importância, pois a maioria deles, além da colocação de castanha, possui também uma área agrícola. No extrativismo também se destaca a extração da castanha. Essa atividade é praticada por todas as famílias componentes deste tipo. Contrariamente aos extrativistas, que possuem uma única fonte de renda, este grupo apresenta renda tanto do extrativismo quanto da produção agrícola. O projeto familiar para o tipo agroextrativista é voltado para o plantio de cultivos agrícolas perenes, especificamente de fruteiras, e de uma pecuária bovina. Para tanto, buscam obter a autorização de ocupação da área, a qual deve ser emitida pela associação, e para alguns, isto vem sendo motivo de conflito com a associação dos moradores da RESEX/CA.

d) O TIPO PROCESSADOR

As famílias agrupadas nesse tipo são os moradores mais recentes da reserva extrativista. São representados por famílias que em sua maioria tinham laços de parentesco, de compadrio ou outros afins, com moradores mais antigos da RESEX/CA, e por esse fato foram aceitos como membros da comunidade local. Para essas famílias a rentabilidade se faz sobremaneira a partir dos cultivos agrícolas, que se complementa com o extrativismo e venda da castanha. Neste processo reprodutivo a castanha perde sua destacada importância pelo fato de que em suas propriedades não há a presença de castanheiras. Quando há, a distribuição é ainda mais rarefeita, não compensando a sua exploração. Além disso, as localizações são mais afastadas das estradas e, portanto, com maior dificuldade de acesso. O projeto familiar para eles é voltado para a expansão da agricultura, especificamente para o plantio de fruteiras (cupuaçu, acerola, mamão, abacate e graviola), frutas de alta aceitação no mercado, por pensarem que há maior lucratividade que a farinha de mandioca.

4.1.A DINÂMICA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO ENTRE OS ANOS DE 2000 E 2005

O pólo extrativista foi o que experimentou o menor percentual de mudança (44%), pois do total das 16 famílias do pólo de agregação extrativista em 2005, nove delas (56%), já pertenciam a este pólo no ano de 2000 (figura 1).

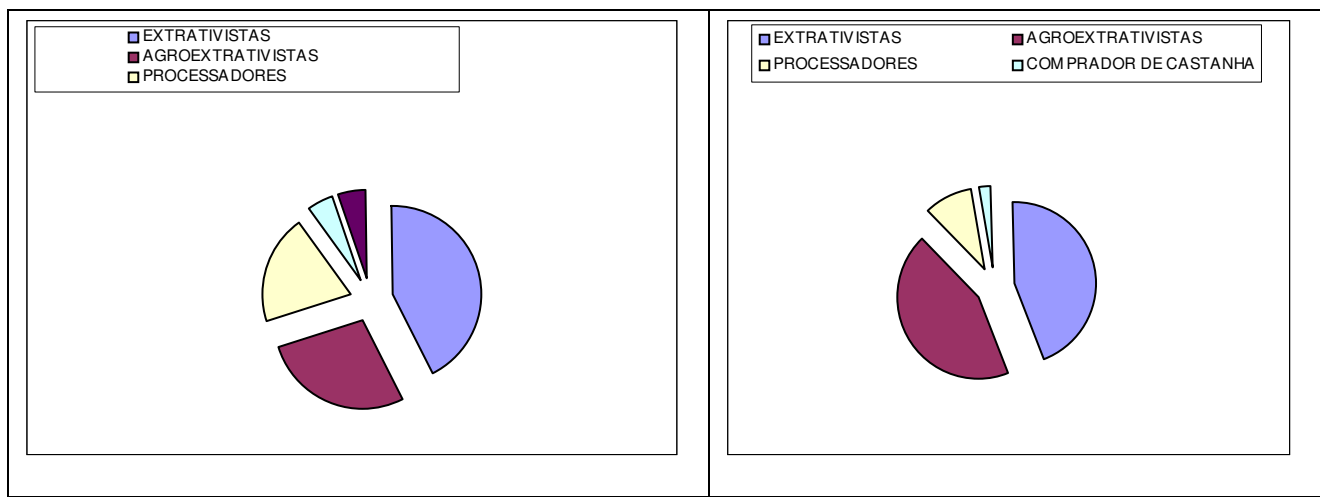


Figura 1: Representatividade dos tipos no ano de 2000 e 2005

Fonte: Sousa (2006)

Esse fato demonstra que, apesar do crescimento, ou da alta na representatividade do tipo agroextrativista de 2000 para 2005, ainda é o extrativismo sozinho que domina as relações de exploração do meio dentro da reserva (figura 2). Neste sentido, podemos dizer que na RESEX/CA está cumprindo seu papel de possibilitar a vida das famílias de acordo com seu potencial extrativo.

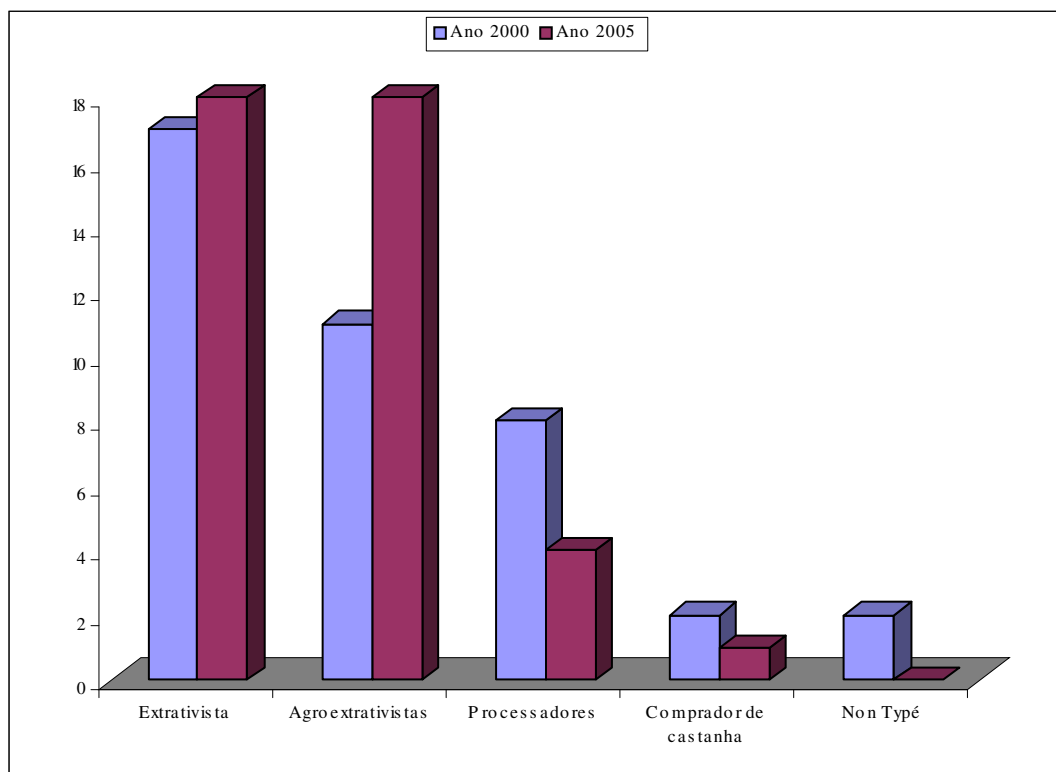


Figura 2: Gráfico da variação na representatividade dos tipos na comunidade

Fonte: Sousa (2006)

4.1.1. AS DINÂMICAS DO PÓLO EXTRATIVISTA

4.1.1.1. EXTRATIVISTA & EXTRATIVISTA

A permanência das famílias no mesmo pólo extrativista de 2000 para 2005 é consequência da manutenção do chefe da família no comando da produção da castanha, ou

seja, ainda não ocorreu o processo sucessório. O número de pessoas na família aumentou de 2000 para 2005, bem como aumentou também o número de unidades de trabalho familiar (UTF's), passa de 3,70 para 5,90. Esse crescimento, tanto no número de pessoas da família como no número de UTF's, se deve ao fato de que no período da safra da castanha (janeiro a maio), os filhos que vivem fora retornarem para colaborar com o pai no trabalho da coleta.

No período considerado se observa um pequeno crescimento na produção de castanha, que se atribui a variações naturais decorrentes das condições biofísicas. Esse pequeno crescimento na produção veio acompanhado também de um incremento proporcional na rentabilidade de castanha. Como o preço da castanha de 2000 para 2005 teve um crescimento bem acima do crescimento nominal do salário mínimo, o normal esperado seria um aumento bem maior na rentabilidade da castanha. Isso não se verificou pelo fato dessas famílias comercializarem a produção de castanha sempre com o mesmo atravessador, e é com este que ficou o ganho extra obtido com a elevação no preço da castanha.

4.1.1.2. EXTRATIVISTA PARA AGROEXTRATIVISTA

A mudança de extrativista em 2000 para agroextrativista no ano de 2005 é decorrente do início do processo sucessório na família. Esse processo produz duas conseqüências. A primeira relaciona-se a redução na produção de castanha. Um filho constitui matrimônio ou outra relação estável, e recebe do pai uma parte da colocação. Geralmente a parte recebida possui uma concentração bem menor de castanha ou a ponta de castanha é de difícil acesso, e, tanto por uma ou outra condição, não estava sendo muito intensamente explorada:

“Eu me casei com ela, a Francisca, eu vim morar aqui no Martins. O Capitão da Saudade, o senhor conhece, ele é meu pai. Ele me deu uma ponta de castanha, meu Deus! É cada ladeira, igarapé, não têm ramal, ponte. É por isso que eu tiro tão pouca castanha de lá” (Depoimento de Carlos, 2005).

O fato da parte da colocação dada a um filho ter essas condições, implica em uma redução de 25% na produção de castanha. Contudo, a queda na rentabilidade da castanha não foi da mesma proporção da redução de produção, foi menor, de apenas 5,7%. Isso se verificou pelo fato dessas famílias passaram a comercializar a produção de castanha com quem oferecesse melhor preço, inclusive com a COOPERALCA.

A outra conseqüência associada a essa dinâmica é a ampliação na área do roçado. O filho que constituiu família, por não ver possibilidade de ter suas necessidades atendidas com a ponta de castanha que recebeu do pai, ele procura ocupações na comunidade ou mesmo na cidade. O resultado financeiro dessa ocupação ele aplica em uma área maior de roçado, que ele faz junto com a família do seu pai:

“Olha, eu também sou padeiro, no verão eu trabalho no Laranjal. Na safra da castanha eu venho para cá, coletei castanha. Eu tenho uma padaria aqui, faço pão e doce na safra, o pessoal tem dinheiro e eu vendo bem. Com o que o pai apura na castanha e o meu, nos fazemos um roçado maior. Este ano eu nem precisei ir trabalhar no Laranjal, fiquei aqui, na minha padaria. Tá dando até para fazer um capinzal, penso cercar, colocar um gado, [...] quem sabe” (Depoimento do filho de seu Cláudio, 2005).

Metade da produção desta roça é desse filho casado, ele contribuiu para isso. Essa grande ampliação na área da roça não é reprimida pelos gestores da reserva extrativista. As famílias que assim procederam são de “extrativistas tradicionais”, respeitada na comunidade, para ele não se questiona uma área de roçado acima do estipulado no plano de uso.

4.1.1.3. EXTRATIVISTA PARA PROCESSADOR

Essa dinâmica é uma contingência decorrente do ataque de gafanhotos nas folhas novas das castanheiras. Essa praga fez reduzir a produção de castanha de 2000 para 2005. Portanto,

as famílias não fizeram deliberadamente essa mudança. As colocações severamente atacadas por essa praga se localizam próximo a transição do cerrado para o ambiente da floresta densa. A mudança das famílias do pólo extrativista para processador aconteceu por uma redução de 40% na produção de castanha.

“O gafanhoto ataca em um ano, mas a castanheira leva quatro anos para recuperar o que ela produzia. De 2000 para 2005, pelo menos duas vezes meu castanhal foi atacado, esse ano mesmo aconteceu (Depoimento de seu Raimundo, 2005).

Assim, o que caracteriza essa dinâmica é a queda na produção da castanha. Para garantirem a subsistência, as famílias recorrem ao atravessador para eles adiantarem alimentos ou dinheiro por conta da produção da safra seguinte. Como não possuem força de trabalho de reserva, a outra estratégia de sobrevivência que as famílias utilizam é de trabalharem como meeiros na produção de farinha.

4.1.2. AS DINÂMICAS DO PÓLO COMPRADOR DE CASTANHA

4.1.2.1. COMPRADOR DE CASTANHA & COMPRADOR DE CASTANHA

A manutenção das famílias no mesmo pólo comprador de 2000 para 2005, se deveu a competência delas de continuarem tendo a confiança dos castanheiros, obtendo deles a preferência na compra da castanha. A estratégia utilizada por essas famílias para manterem essa fidelidade é a presença direta e constante junto a família dos castanheiros. Deste modo eles atendem as necessidades deles durante o período de entressafra da castanha (julho a dezembro), adiantando dinheiro, remédios e alimentos, por conta da produção futura. Na safra eles oferecerem outras vantagens aos castanheiros, como o fornecimento gratuito de burros para passagem² da produção. Essa estratégia tem se mostrado eficiente, pois as famílias que se mantiveram no mesmo pólo comprador de castanha de 2000 para 2005, a produção e a rentabilidade de castanha aumentaram na mesma proporção, 52% e 53%, respectivamente.

Contudo, a permanência do tipo na RESEX/CA está cada vez mais ameaçada pela presença de muitos “marreteiros” comprando castanha diretamente na RESEX/CA, bem como de empresas atacadistas do Sudeste brasileiro, que por telefone entram em contato com as cooperativas locais, acertando preços, quantidades, tipo e condições para compra da castanha:

“Tá ficando muito difícil continuar comprando castanha aqui no Cajari [...] tem muita gente comprando castanha. O meu capital vai todo embora [...] tenho que ficar trabalhando com o dinheiro do “Quentura”³ [...] e mesmo ele já não tem essa força toda [...] além disso, o pessoal tá cada vez mais exigente. Estou pensando em largar esse trabalho, to investindo na pecuária. O pessoal tá me apertando. Já fui ver até uma terra lá por lado de Monte Dourado. Se eles continuarem assim, eu me mudo para lá” (Depoimento de Ovídio, 2005).

Face às incertezas envolvidas nesta estratégia, a ampliação na área do roçado é outro fato relacionado a essa dinâmica. A ampliação da área teve por alvo a formação de pastagem para instalação da pecuária bovina. O crescimento da área de roça em 140% e um aumento na rentabilidade em apenas 53% se explica pelo fato da roça ter por objetivo reduzir o custo de implantação da pastagem. O processo envolve um meeiro. Ele recebe a área plantada, cuida da roça e faz a colheita. Dos produtos colhidos, o meeiro entrega a metade da farinha, ficando com a outra metade desta produção, bem como fica com o restante da produção dos legumes. É do meeiro a responsabilidade de semeio do capim, de entregar a área toda pastada.

² A passagem é um termo usado pelos castanheiros da RESEX/CA para qualificar a operação de transporte das barricas de castanha do castanhal até um ponto de embarque e venda. Face a inexistência ou precariedade das estradas, esses varadouros (caminhos abertos no interior da floresta) permitem somente a entrada de burros.

³ O “Quentura” é um atravessador que sempre comprou castanha para o grupo Mutran. No ano de 2005 ele estava comprando castanha para um grupo de bolivianos. Ele é quem fornece o capital necessário para o Ovídio comprar castanha na RESEX/CA.

4.1.2.2.COMPRADOR DE CASTANHA PARA PROCESSADOR

As famílias que no ano de 2000 foram classificadas como compradores de castanha, assim o foram pelo fato de, aproveitando-se de suas condições de dirigentes da COOPERALCA, além de comprarem castanha para essa cooperativa, compravam castanha também para eles, e revendiam tanto para a cooperativa como para outros compradores locais. No ano de 2005, não mais tendo cargos de direção na cooperativa, eles retornaram a sua condição de processadores.

Essas famílias são de militantes que lutaram pela criação da RESEX/CA, possuem suas origens na região, contudo não são castanheiros, ou melhor, no período de 2000 para 2005 não estavam mais trabalhando diretamente na extração de castanha, muito embora continuassem mantendo o direito de propriedade de uma colocação dentro da reserva.

4.1.3. AS DINÂMICAS DO PÓLO AGROEXTRATIVISTA

4.1.3.1.AGROEXTRATIVISTA & AGROEXTRATIVISTA

As alterações experimentadas nas atividades produtivas dessas famílias não foram suficientes para produzirem mudança nos seus sistemas de produção. Contudo, a permanência dessas famílias no mesmo pólo de agregação agroextrativista de 2000 para 2005 não implica em dizer que tudo se manteve igual. As famílias procederam algumas alterações nos seus sistemas de produção, pois se observa diferença, tanto na quantidade de castanha como na área de cultivo dos roçados, embora não na escala que implicasse mudança de sistema.

Os tratamentos que essas famílias dispensaram aos castanhais no ano de 2000, como retirada de cipós e limpeza do sub-bosque da floresta para favorecer luminosidade aos filhotões⁴, resultaram na ampliação da produção de castanha no ano de 2005 em 16,5%. Outra alteração que as famílias introduziram no itinerário técnico desses sistemas de 2000 para 2005, foi a redução nas áreas de roçado em 50%. Essa redução veio acompanhada de uma especialização no plantio (abóbora + banana). Para operacionalizar essas estratégias precisa-se de mais mão-de-obra, que foi possível de obtê-la dentro da própria família, pelo crescimento na disponibilidade de mão-de-obra familiar em 50%.

A estratégia de dispensar de maior cuidado ao castanhal e a opção de especializar-se em alguns cultivos agrícolas, representam itinerários cujo objetivo é a garantia de ocupação aos seus membros da família, diferentemente de tentar conseguir trabalho pela migração permanente ou sazonal. Essa preocupação em garantir ocupação aos membros da família pela intensificação de trabalho, tanto o aplicado no manejo do castanhal como na especialização dos cultivos agrícolas, têm fundamentação econômica.

No caso da castanha o preço por esse produto do ano de 2000 para 2005 teve um crescimento bem acima do crescimento nominal do salário mínimo. O mesmo também acontecendo para o caso da abóbora e banana, que no mercado das feiras de produtores de Macapá, o local preferencial onde as famílias realizam a comercialização desses produtos, tiveram também um incremento de preço acima do salário mínimo (SEAF, 2005).

4.1.3.2.AGROEXTRATIVISTA PARA EXTRATIVISTA

Uma ampliação de 306% na produção de castanha e uma redução de 60% na área dos roçados foi determinante para essa dinâmica. Portanto, a ampliação na produção de castanha e uma redução na área dos roçados foram fatos determinantes na passagem das famílias do pólo de agregação agroextrativista no ano de 2000, para o pólo extrativista no ano de 2005. A estratégia utilizada pelas famílias para obterem um crescimento tão expressivo na produção de castanha, foi a compra da produção de outros vizinhos.

⁴ Os filhotões é uma qualificação dada pelos castanheiros da RESEX/CA as árvores adultas de castanheira que por não terem atingido domínio no dossel da floresta, por esse fato ainda não entraram em produção.

Esta estratégia demonstra que as famílias que migraram do pólo agroextrativista em 2000 para o pólo extrativista em 2005, tinham por direcionamento o pólo comprador de castanha. Para operacionalização dessa estratégia, elas se utilizaram do bom relacionamento e respeito que desfrutavam na comunidade. Deste modo eles conseguiram a promessa de compra da produção pelos castanheiros, e dos atravessadores, o capital financeiro e margem de comercialização que eles consideravam justa. Contudo, mesmo dispondo das condições que julgavam necessárias, os volumes de castanha que conseguiram transacionar não os colocou nesta condição. Portanto, a estratégia adotada por essas famílias mostrou-se de pouca eficiência:

“A castanha, todos sabem, somente compensa quando se produz em quantidade, veja o caso do Ovídio [...] ano passado eu peguei um dinheiro de um atravessador, para comprar castanha, [...] é muito trabalho, é arriscado, penso que nada ganhei” (Depoimento de seu Sabá, 2005).

4.1.3.3. AGROEXTRATIVISTA PARA PROCESSADOR

As famílias que experimentaram essa migração enfrentaram problemas com outros moradores da comunidade. Esses problemas não estavam relacionados ao direito à área de extração da castanha, contudo, ao direito as áreas dos pousios:

“Esse meu vizinho fez seu roçado em uma área de capoeira que eu estava reservando. Eu reclamei. Me contaram que o pessoal da Associação estava apoiando esse meu vizinho. Ele foi contar para esse pessoal que eu tinha reclamado meu direito. Eles disseram que eu não tinha direito algum, que ele podia fazer a roça dele até a porta da minha casa. Para não acabar mal, eu resolvi ir embora, por uns tempo” (Depoimento de seu Carlos, 2005).

Na época da safra, a ponta de castanha dessas famílias foi invadida por pessoas da comunidade. A invasão da área fez uma redução pela metade na produção de castanha. A família saiu da colocação por força de um emprego obtido pelo marido na cidade de Mazagão e problemas de relacionamento com um vizinho. Essa saída fez com que outras pessoas, sem o seu conhecimento, coletasse castanha na sua colocação. Portanto, sem a renda da castanha, essas famílias se dedicaram aos roçados e a produção de farinha na condição de meeiros.

4.1.4. AS DINÂMICAS DO PÓLO PROCESSADOR

4.1.4.1. PROCESSADOR & PROCESSADOR

As famílias que se mantiveram no mesmo pólo de agregação processador no período de 2000 para 2005, enfrentam condições difíceis. São pessoas pouco consideradas na comunidade. Além disso, por não terem assumido posições de apoio aos interesses dos atuais gestores da ASTEX/CA e COOPERALCA, ao fazerem a derruba de uma mata para implantação de roça, mesmo que neste local não tenha castanha, para eles implica na imposição de penalidades. Para outros, entretanto, este ato pode ser tolerado:

“[...] ano passado eu fui chamado pelo pessoal do IBAMA, eles me aplicaram uma multa por ter derrubado uma área de mata. Eu expliquei para eles que eu não tenho capoeiras na minha colocação, só tenho mata, e nessa mata também não tenho castanha. Se não derrubar mata, onde vou fazer roça? Como vou viver? Este ano eu peguei essa capoeira do meu vizinho, mas só dar para plantar mandioca, é uma terra muito arenosa, além disso a capoeira é muito fina. Eu pensei até em ir embora, mais a mulher não concordou, ela trabalha na escola, as meninas estudam, ela está acostumada aqui” (Depoimento de Adalton, 2005).

Pelo fato dessas famílias de processadores não terem as mesmas regalias de poderem infringir o PU, como é dado a outras famílias da RESEX/CA, para manterem a mesma área de roçado, eles são obrigados a reduzirem cada vez mais o tempo de pousio das áreas, o que implica na redução da rentabilidade dos roçados.

As famílias que permaneceram no mesmo pólo de agregação processador de 2000 para 2005, elas não vêm possibilidade do atendimento das suas necessidades pela extração de castanha: “[...] eu já trabalhei na castanha, eu fui embora daqui porque não via futuro com isso, eu voltei é certo, mas não para trabalhar na castanha” (Depoimento de Adalton, 2005). Mesmo que essas famílias façam a extração de castanha, essa atividade é de menor importância: “[...] esse ano eu colhi bem pouquinho, foi para o Manoel, eu estava folgado mesmo, mas, não compensa (Depoimento de Adalton, 2005).

As famílias que se mantiveram no mesmo pólo processador de 2000 para 2005, a produção e a rentabilidade de castanha sofreram redução de forma proporcional, em -62,5% e -57%, respectivamente. Essa redução se deve ao fato de que a maioria dessas famílias obtém a produção de castanha na condição de meeiros, e, como eles não concordaram com a divisão da produção imposta, renunciaram a uma boa parcela na produção de castanha.

4.1.4.2.PROCESSADOR PARA EXTRATIVISTA

As famílias que fizeram essa mudança de 2000 para 2005 depositam na extração da castanha toda a possibilidade do atendimento de suas necessidades. A ampliação na produção de castanha foi de +76%, sendo de 122% o aumento na rentabilidade. O fato do aumento percentual da rentabilidade se situar bem acima do aumento em produção implica dizer que essas famílias desenvolveram uma melhor estratégia de comercialização. Eles comercializaram a produção com a COOPERALCA.

Os fatos que determinaram o aumento na produção de 2000 para 2005, foram: a exploração de um castanhal “sem dono”, e, a ampliação do trabalho como meeiro na extração de castanha. Os castanhais “sem dono” é uma condição até certo ponto comum na RESEX/CA. Esses castanhais estão localizados em locais muito distantes e de difícil acesso, tanto por vias terrestres como pelos rios e igarapés. Por isso eles deixaram de ser explorados, alguns deles nunca o foram. Com o preço compensador da castanha no ano de 2005, algumas famílias que conhecem ou foram informadas da existência desses castanhais e dispuseram a extrair castanha nessas localidades.

Para se dedicarem mais intensamente à extração de castanha, essas famílias tiveram que renunciar as atividades agrícolas. Eles reduziram de três para apenas uma tarefa a área de roçado. Como ficaria impossível garantir a sobrevivência da família como uma área de roça tão pequena, a solução encontrada foi mandar a mulher e os filhos menores para morarem temporariamente na cidade de Laranjal do Jari, na casa de um parente.

Para colaborar nas despesas da casa, a mulher trabalha como doméstica, além de contribuir também com alguns produtos agrícolas e do extrativismo que recebe da colocação enviada pelo marido. É ele e os filhos maiores que ficam na colocação para executarem os trabalhos de extração da castanha.

4.1.4.3.PROCESSADOR PARA AGROEXTRATIVISTA

Essa mudança ocorreu pelo fato dessas famílias, por liderarem trabalhos comunitários, terem conseguido uma área maior do patrimônio da comunidade. Esses trabalhos de representantes locais nas feiras de produtores de Macapá e Santana, e de animadores para congregações religiosas, deram-lhe essa condição.

Uma relação mais próxima com técnicos do GEA, do governo municipal, políticos e ministros religiosos, fizeram dessas famílias um público preferencial para participar de projetos de geração de renda. Esses projetos envolvem atividades agrícolas, como horticultura e implantação de SAF's, além de criação de pequenos animais. O objetivo agrônomo deles é o estabelecimento de um novo itinerário técnico dos roçados, reduzindo as parcelas de áreas com pouso.

Essas famílias vendem a produção de castanha na feira de produtores. Para tanto eles fazem a seleção das amêndoas, o descasque manual e a embalagem do produto em sacos plásticos de 500 e 1000 gramas. Algumas delas usam a castanha na fabricação caseira de doces e bolos para atender encomendas. Essa estratégia diferenciada de comercialização da castanha consome mais mão-de-obra, o que obriga essas famílias a reduzir a quantidade de castanha produzida (-30%). Contudo, em função de uma melhor estratégia de comercialização da produção de castanha adotada por essas famílias, mesmo obrigadas a fazerem uma redução na produção de castanha, eles obtiveram um aumento na sua rentabilidade em +17%.

5. CONCLUSÕES

As dinâmicas dos sistemas de produção praticados na RESEX/CA do ano de 2000 para 2005 ratificam a importância do extrativismo, principalmente o da castanha, para a garantia do atendimento das necessidades das famílias da RESEX/CA. Porém, as atividades agrícolas não somente se mantiveram como também ganharam importância no contexto das unidades de exploração desta reserva extrativista. Mesmo com a grande valorização da castanha de 2000 para 2005, relativamente, o pólo de agregação agroextrativista foi o que mais atraiu as famílias.

A atração das famílias pelo pólo de agregação agroextrativista, em parte confirma a hipótese que se estabeleceu no trabalho. Em parte, pois a manutenção ou mesmo o crescimento das atividades agrícolas não se deve a superioridade econômica ou mesmo as melhores condições de mercado que se apresentam favoráveis a esses produtos, e desfavorável à castanha. As atividades agrícolas se mostram indispensáveis a ocupação e na geração de renda para a família, no período da “entressafra” da castanha.

Essa importância dispensada a produção agrícola cresce cada vez mais. Esse crescimento decorre da falta de um outro produto do extrativismo, como acontecia com a borracha da seringueira, que se mostre capaz de garantir ocupação e renda para a família, durante o período da “entressafra” da castanha. Mesmo que as atividades agrícolas se apresentem com uma produtividade abaixo da extração de castanha, em menor ou maior intensidade, as famílias sempre se mostram dispostas a consagrarem a seus sistemas de produção, uma área anual de roça. O temor pela impossibilidade de não implantar uma área de roça ou a perda de um roçado por intempéries climáticas ou pragas, é uma preocupação maior que o representado pela perda de parte da safra de castanha.

Contudo, a falta de alternativas de novas formas de exploração extrativista, faz com que na atualidade, a estratégia de reprodução social usada pelas famílias da RESEX/CA, resida no controle do processo de divisão/sucessão da colocação de castanha. A preocupação das famílias da RESEX/CA em não dividir a área da colocação, mantendo a parcela dos castanhais para que esta nunca fique abaixo de uma capacidade de produção de 70 hectolitros/safra, é uma estratégia de controle na densidade demográfica da RESEX/CA.

Assim, no processo sucessório, o filho que demonstrou maior habilidade na extração de castanha, se apresenta como o herdeiro natural da colocação dos pais. Para os demais filhos, resta a opção de emprego fora ou mesmo no interior da localidade. Isto significa na prática um controle interno feito pelas unidades de produção voltadas a conservação dos recursos naturais da RESEX/CA.

Esse processo implica necessariamente no crescimento da agricultura nesta reserva extrativista. A alternativa que imediatamente se apresenta para a maioria das novas famílias ou grupos familiares, pois a alternativa de empregos nas cidades de Laranjal do Jari, Santana ou Macapá, é uma perspectiva cada vez mais remota. Assim, mesmo que as áreas de roças não estejam infringindo o que está determinado no plano de uso desta reserva extrativista. Os pequenos roçados cada vez se tornam mais importantes para as famílias, e, não será de todo

estranho se, caso outro fato não se configure, um maior número de famílias possam vir a não mais ter condições de continuarem obedecendo ao que preceitua o plano de uso da RESEX/CA.

Não será estranho que famílias que lutaram contra a destruição das florestas do Cajari, estas mesmas famílias pleitearem a desregulamentação do uso dos espaços da RESEX/CA, favorecendo a abertura de áreas para a pecuária, considerada por muitos dos atores e sujeitos presentes na realidade da Amazônia, como a atividade mais rentável, embora a que mais impacto ambiental produza.

Para a agricultura e principalmente a pecuária não avançar nos espaços da RESEX/CA, comprometendo a conservação da biodiversidade local, pensamos que estas atividades devam ser intensificadas e restritas as áreas já alteradas. Para tanto, faz-se necessária à validação participativa da substituição dos pousios curtos, utilizado pelas famílias da RESEX/CA, em face de proibição de derruba de áreas florestadas, como prática de manejo da fertilidade natural dos solos, principalmente pelos tipos agroextrativistas e processadores. Os pousios em vez de terem seu tempo encurtado, deveriam dar lugar a consórcios de cultivos perenes, ou sistemas agroflorestais (SAF's).

Finalizando, o trabalho abre pistas para a necessidade da realização de um programa de Pesquisa-Desenvolvimento na RESEX/CA, voltado à adoção de inovações ao extrativismo, não apenas da castanha, mas também de outros recursos presentes nesta reserva extrativista, e que tenham suas potencialidades identificadas.

A idéia quando da concepção deste programa de pesquisa para a identificação de novos produtos obtidos do extrativismo na RESEX/CA, é priorizar aqueles que complementem a período de entressafra da castanha (junho a dezembro), e que esses produtos garantam uma rentabilidade do trabalho superior a atual produtividade da extração da castanha. Esses novos produtos bem como a castanha deverá ter possibilidades industriais, em produtos com mercado capaz de se distribuir pelo menos a manutenção de duas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEGRETTI, M.H.A **construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros**. Tese. UNB. 2002. 881p.
- COSTA, F. De A., **As ciências, o uso de recursos naturais na Amazônia e a noção de desenvolvimento sustentável: Por uma interdisciplinaridade ampla**. Papers do NAEA 69. UFPA. 1996. 14p.
- HOMMA, A.K.O. Carvalho, R.D.A.; Ferreira, C.A.P.; Nascimento Junior, J. de D.B., **A destruição de recursos naturais: O caso da castanha-do-Pará no Sudeste paraense**. Embrapa. Documentos Nº 32. 2000. 74p.
- LINS, C. **Jarí 70 anos de história**. RJ. Data Forma. 1991. 236p.
- _____. **A Jarí e a Amazônia**. RJ. Data Forma. 1997. 160p.
- PERROT, C., **Système d'information construit à dire d'experts pour lê conseil technico-économique aux éleveurs de bovins**. These. INA Paris-Grigon. INRA. 1991.
- SOUSA, W.P. de. **Projeto Jarí. Relatório Anual de Trabalho**. 1982. 17p.